

2 cópias

“Olha, as ruas estão vazias: é a hora de Dallas”, constatava um amigo argelino com quem passeava, certa tarde de 1985, em Argel. Intrigado ainda, narrei este episódio a estudantes africanos que me garantiram sem pestanejar: “Em nosso país é igual!”.

Quando de minha primeira estadia na África há vinte e cinco anos, achando-me em Tskapa, então capital da União Kassariana, uma das vinte-e-uma províncias do ex-Congo Belga esfacelado, tive a curiosidade de ir ao Ministério da Estatística. Entrei num casebre de adobe com chão de terra batida separado em dois por uma tanga pendurada num barbanete. Em um dos dois “escritórios”, perguntei à *mamã* eternamente empenhada em consertar um *wax* (“tanga”) rutilante, se havia documentos e informações disponíveis. Responderam-me: “Ainda não. Estamos aguardando os organizadores”. Transcorrido um quarto de século apenas depois que os mundos de cor foram oficialmente libertados da presença dos Brancos, a ocidentalização ainda podia guardar esse perfume de farsa insólita, como essas velhas fotos de caciques peles-vermelhas usando um chapéu de copa alta no meio de seus cocares. Hoje, e amanhã mais ainda, o mundo é convocado a viver de maneira uniforme. O futuro, porém, já começou. Satélites de comunicação são lançados. Estações de retransmissão são instaladas. Relés são mantidos para que os mercados financeiros, que se sucedem ao redor do planeta ao sabor dos fusos horários, funcionem como um local único, aberto vinte e quatro horas por dia. As informações, os espetáculos, as modas, as ordens e todo conteúdo que incorporam, circulam instantaneamente de Norte a Sul, de Leste a Oeste. As próprias Cortinas de Ferro e de Bambu não lhes resistem; a pobreza e o abandono tropicais não lhes constituem obstáculos.

“Se escrevemos a história das batalhas, escreve C. Maurel, o colonialismo é um fracasso. Basta porém escrever a história das mentalidades para percebermos que ele é a maior conquistista de todos

os tempos. A maior preciosidade do colonialismo é a farsa da descolonização... Os Brancos passaram para os bastidores, mas continuam sendo os produtores do espetáculo”¹.

Tratar-se-ia ainda de ocidentalização? O Ocidente não é mais o Ocidente; o Branco não é mais branco. Não seria o caso de considerar como Ocidentais esses recém-chegados à epopéia industrial que são os japoneses, primeiramente, e seus felizes imitadores do Sudeste Asiático, em seguida? As imagens da mídia no-los apresentam como maravilhosas mecânicas humanas que conquistaram fatias do mercado e fazem funcionar o maquinário técnico melhor que seus antigos mestres, e no-los propõem como modelo, reatando com o fantasma colonial do perigo amarelo.

E qual seria a profundidade do triunfo do Ocidente? Os poderosos alto-falantes, o que há de mais moderno na técnica, instalados em minaretes, não conclamam os fiéis à oração e não à compra de detergentes? Se o desejo de alcançar o consumo das metrópoles da riqueza é universalmente partilhado, este desejo repousaria em motivos idênticos em todos os lugares? Avançará ele paralelamente com uma assimilação profunda dos modos de organização social, das lógicas de produção e de reprodução? A ocidentalização ou mundialização societal, o processo de universalização do mundo e do nível de vida poderia prosseguir limitadamente, varrer todos os obstáculos e chegar a uma verdadeira unificação do mundo? Se os obstáculos se mostrassem insuperáveis, fortalecendo-se com as próprias contradições do projeto universalista, seria possível contar com vias alternativas?

Antes de mais nada, o que é o Ocidente? A pergunta não se colocava quando os cruzados, os conquistadores, os colonizadores se arrojavam sobre o mundo. Quando a fé empurrava a cristandade para fora de si mesma, quando a convicção de propagar as Luzes empurrava os conquistadores de impérios para sua missão civilizadora, e não pairava nenhum estado de alma, nenhuma ou quase nenhuma dúvida na certeza inabalável de seu justo direito e até mesmo de seu dever. O Ocidente existiria tranquilamente em si e para si, primeiramente como cristandade, depois como a Europa das Luzes. A orgia sangüinária, a rapacidade predatória não passavam de pequenas despesas imprevistas da marcha triunfante do carro da história esmagando algumas flores inocentes. Os homens de bem

1. Christian MAUREL, *L'Exotisme colonial*, Robert Laffont, Paris, 1985, p. 15.

deploravam os excessos mas não contestavam absolutamente a justeza da expansão ocidental.

Esse tempo de certezas elementares passou. Insinuou-se a dúvida, a fé foi abalada. Depois veio o desmoronamento dos impérios coloniais. Será aquele fim do Ocidente profetizado por Romain Rolland no entre-guerras?

"O que assistimos hoje é a imensa fermentação do mundo, ao levante de todas as civilizações oprimidas contra a civilização branca. A luta será prolongada e assustadora. Acredito piamente que a civilização branca nela sucumbirá. E acontecerá uma nova Idade Média, onde se reconstituirão, em séculos de trevas iluminadas de clarões, as futuras eras clássicas de razão e de opressão".

A descolonização aconteceu, de modo relativamente pacífico, em todo caso sem cataclismos. O fim incontestável da supremacia branca não foi o fim da civilização ocidental. A morte do Ocidente para si não foi o fim do Ocidente em si.

A persistência de um processo "civilizacional" enraizado na história anterior recoloca a questão do significado e do lugar do Ocidente. A mundialização contemporânea das principais dimensões da vida não é um processo "natural" engendrado por uma fusão de culturas e de histórias. Trata-se ainda de dominação, com suas contrapartidas, sujeições, injustiças, destruição. Agora que o Ocidente *para si* voou em pedaços, a identificação deste processo é uma questão importante. O que será responsável pela uniformização dos modos de vida, pela padronização do imaginário?

Que potência, boa ou má, impõe a unidimensionalização da existência e o conformismo dos comportamentos sobre as ruínas das culturas abandonadas? O Ocidente não é mais a Europa, nem a geográfica, nem a histórica; também não é mais um conjunto de crenças partilhadas por um grupo humano que perambula pelo planeta; nós nos propomos a lê-lo como uma *máquina* pessoal, sem alma e, de ora em diante, sem mestre, que colocou a humanidade a seu serviço. Emancipada de qualquer interferência humana que queira contê-la, a máquina enlouquecida prossegue em sua obra de desenraizamento planetário. Arrancando os homens de seu chão, mesmo nos confins mais remotos do globo, a máquina os atira no deserto das zonas urbanizadas sem integrá-los, porém, à industrialização, à burocratização e à tecnificação ilimitadas que ela impul-

siona. A riqueza, perdendo de agora em diante seu significado, desenvolve-se ao infinito no coração de cidades sem fronteiras. Sem que seus construtores o saibam, a máquina só consegue gerar a diferenciação destruindo o tecido social. Esta desarticulação societal freia seriamente as possibilidades concretas de universalização de qualquer modelo pseudo-social imaginável. O movimento de ocidentalização possui uma força aterrorizadora. Ele elimina inclusive as diferenças de gêneros. Se liberta os laços da tradição, a razão sobre a qual pretende se sustentar é desnorteante. Seu descomedimento compromete a sobrevivência do homem e do planeta³.

Sob o rolo compressor da ocidentalização, tudo parece já ter sido destruído, nivelado, esmagado; e no entanto, *ao mesmo tempo*, os recifes freqüentemente estão apenas submersos, resistindo às vezes, e prontos para ressurgir à superfície.

Os excluídos dos benefícios materiais e simbólicos da "modernização", cada vez mais numerosos, podem e devem inventar soluções novas para sobreviver como espécie e como humanidade. Esses projetos diferentes se encontram, na prática, na improvisação e no biscate. Eles podem gerar monstros ou ser recuperados pela máquina, mas alentam também a esperança de que a paralisação da máquina não será o fim do mundo e sim a aurora de uma nova busca da humanidade plural.

2. Romain ROLLAND, Correspondência com E. Bloch. Col. Lettres, Payot, Lausanne, 1984, p. 153.

3. Sobre esses últimos pontos (a "assexualização", a condição da mulher, a ameaça ecológica), haveria necessidade de esclarecimentos e aprofundamentos maiores. Outros mais sensíveis a essas questões já o fizeram e farão melhor do que eu.